

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben, 10ª Edição Revista, São Paulo: Centauro, 2006. 152 p.
ISBN 85-88208-16-4

Titulo original: **Ich und Du**
S'a. ed. Lambert Schneider, Heidelberg, 1974

O livro **Eu e Tu**, de Martin Buber, que ora resenhamos, foi traduzido por Von Zuben a partir da 8ª edição, editada em 1974 pela editora Lambert Schneider. Registra-se que primeira edição data de 1923. A edição que utilizamos (2006) tem 152 páginas, das quais apenas 77 páginas (p. 53-130) correspondem ao texto propriamente de Buber. A obra é precedida por uma introdução do próprio Von Zuben, com 42 páginas (p. 9–51), que apresenta ainda um Post-scriptum de 10 páginas (p. 131–140), um glossário de duas páginas (141–142) e as notas do tradutor de 10 páginas (143–152).

Em sua introdução a Buber e à sua obra, Von Zuben, esclarece conceitos buberianos, enfatizando o valor do diálogo, do encontro, das relações verdadeiramente dialógicas. O tradutor registra as influências que Buber recebeu ao longo de sua jornada, em especial do Hassidismo, que de certa forma procurava renovar a mística judaica.

Filho de Elise e Karl Buber, família judia, Martin Buber nasceu em Viena em 8 de fevereiro de 1878 e faleceu em Jerusalém em 13 de junho de 1965. Ainda na primeira infância foi morar com seus avós, Adele e Salomão Buber. A vivência junto ao avô marcou profundamente a sua vida e o seu pensamento. O avô Salomão, um judeu atuante e respeitado em sua comunidade, era uma autoridade do Haskalah, um movimento judaico que, inspirado pelos princípios Iluministas, procurava melhorar a aceitação dos judeus pelos gentios. Seus adeptos mantinham as tradições do judaísmo, porém desejavam interagir e participar das sociedades em que se encontravam inseridos, e propiciar a boa convivência com os não judeus.

Buber trabalhou como editor de jornal, lecionou História das Religiões e Ética Judaica em Frankfurt, entretanto, com a ascensão do Nazismo, foi deposto do cargo em 1933. Deixou a Alemanha e foi para Jerusalém, lá assumindo a disciplina de Sociologia na Universidade Hebraica. Escreveu várias obras, a maioria delas após os sessenta anos,

muitas das quais em decorrência de esclarecer o que registrou na obra objeto desta resenha. A marca do humanismo, a importância do encontro, a relevância do respeito e do diálogo balizam seus escritos nas áreas da teologia, religião, política, sociologia e filosofia.

O livro de Buber é dividido em três partes, mesclando em cada uma simplicidade e complexidade. Na primeira, o autor discute os denominados pares de vocábulos ou palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso. Na segunda traz relevantes reflexões a respeito da história da pessoa, enquanto ser individual, e a história da humanidade, enquanto coletividade. Alerta sobre o fenômeno da imersão gradativa das sociedades no mundo do Isso, o que revela a necessidade de conversão. Por fim, na terceira parte, amplia a discussão a respeito das relações inter-humanas, incluindo uma nova categoria ou forma de relação verdadeiramente dialogal, o Tu eterno.

Na **primeira parte do texto** (p. 53–74), Buber revela alguns eixos norteadores da obra, sendo o primeiro: o ser humano é ser de relações. Essas relações são vivenciadas em três esferas: natureza, homens e os seres espirituais (p.55). O segundo: a dupla possibilidade de pronunciar/viver os dois pares de vocábulos que fundamentam a dualidade de mundos possíveis – a palavra-princípio Eu-Tu e a palavra-princípio Eu-Isso.

É preciso registrar que não se trata de bem e mal, pois os pares de palavras-princípio mencionados não se excluem necessariamente, ao contrário, são modos de ser da pessoa humana. Portanto, é imperativo que cada pessoa aprenda a transitar entre os dois vocábulos, pois em sua existência precisará saber evocar os dois pares de palavras-princípio. Não pode proferir apenas um dos pares, o que é inviável e impossível. São estes pares de palavras que fundamentam as relações e/ou os relacionamentos humanos.

O simples fato de proferir um dos vocábulos supracitados implica a edificação de um mundo possível. O mundo do Tu alude a relações inter-humanas, relações dialogais, que só são admissíveis no encontro, no face-a-face. Nesse sentido, os dialogantes são pessoas que se dispõem a estar presentes e na presença de outras pessoas. Se revelam sem máscaras, vivenciam o mútuo acolhimento, explicitam suas ideias, ouvem os interlocutores respeitosa e amorosamente. Não perdem suas identidades, não tentam objetivar o interlocutor. O Eu, frente-a-frente com o Tu em relação de reciprocidade. Por sua vez, o mundo do Isso é o mundo do objeto, do conceito, do relacionamento, no qual existe apenas um sujeito, o Eu.

Na ótica de Buber, somente quem vive o encontro, vivencia o diálogo verdadeiro, pois, ao evocar a palavra-princípio Eu-Tu, poderá desenvolver a autoconsciência. Sendo assim, sem a alteridade a pessoa não poderá nem mesmo saber quem ela é, uma vez que somente na verdadeira relação, no face-a-face, poderá ter ciência de seu próprio ser. De acordo com Buber,

A relação com o Tu é imediata. Entre o Eu e o Tu não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre Eu e Tu não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento em que passa do sonho à realidade. Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro. (p. 59).

A palavra-princípio Eu-Isso, é despersonalizada e despersonalizante. Neste mundo não há diálogo pessoa-pessoa, não existe reciprocidade, mas supõe aquilo do qual se fala e não alguém com quem se fala:

O Eu da palavra-princípio Eu-Isso, o Eu, portanto, com o qual nenhum Tu está face-a-face presente em pessoa, mas é cercado por uma multiplicidade de "conteúdos" tem só passado, e de forma alguma o presente. Em outras palavras, na medida em que o homem se satisfaz com as coisas que experiencia e utiliza, ele vive no passado e seu instante é privado de presença. Ele só tem diante de si objetos, e estes são fatos do passado. (p. 60)

Na mística das relações, uma força se faz presente, força cósmica, que permeia os diálogos e os encontros verdadeiros: o amor. Quem vivencia o amor se responsabiliza por seus interlocutores, quem ama cuida, interage na igualdade, no respeito, na mutualidade das relações. Assim, nas relações inter-humanas ou nos encontros dialogais não há espaço para objetivar a pessoa do outro, pois é com ela que estabelecemos um autêntico diálogo.

Ao concluir a primeira parte de sua obra, Buber relembra que não podemos viver sem o Isso, sem objetividades, sem memorizar o passado, sem fazer alusão às coisas, entretanto, quem vive apenas a dimensão do Isso, não se torna verdadeiramente humano. No dizer de Buber “o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem” (p. 74).

Na **segunda parte** (p. 75–99), Buber faz considerações a respeito da história e das sociedades, alertando que, ao longo dos séculos, as diferentes sociedades gradativamente ampliam o mundo do Isso. Ora, este processo leva à gradual diminuição do mundo do Tu. Nesse cenário, revela-se a necessidade de regatar a autêntica

comunidade que só é possível nas relações vivas e recíprocas. Portanto, faz-se necessário vivenciar a força cósmica do amor, a força geradora do diálogo, o espírito criativo.

O perigo de hipertrofiar o Isso e hipotrofiar o Tu merece atenção no mundo do Isso. Como já foi mencionado, nele não há espaço para relações, não há encontro pessoa-pessoa. Neste mundo, o Eu não reconhece o Tu que está à sua frente, tampouco o acolhe enquanto pessoa, mas sim o converte em objeto ou em instrumento de uso. Em outras palavras, neste universo se verifica o fenômeno da despersonalização. Prisioneiro do seu próprio ego, o egótico não é capaz de relações dialogais. Incapaz de interagir, se aproxima dos semelhantes para utilizá-los conforme seus interesses.

É impossível a pessoa não se adentrar ao mundo do Isso, e, quem o faz sempre evoca o passado, reproduz conhecimentos herdados das gerações anteriores. Entretanto é preciso atualizar o que foi evocado, convertê-lo, mesmo que temporariamente, em Tu. Nesse cenário, ao analisar o tema conhecimento, Buber reforça a necessidade de transitar entre os dois mundos já mencionados.

Nesse tópico, Buber também aborda a questão da liberdade e da fatalidade. Afirma que o homem livre, senhor de seu destino, não pode e não deve crer na fatalidade, no determinismo, no arbitrário. Quem acredita na fatalidade deve desenvolver um processo de conversão, pois “A única coisa que pode vir a ser fatal ao homem, é crer na fatalidade, pois esta crença impede o movimento da conversão” (p. 89). Quem vive a liberdade escolhe, evoca a palavra-ação criadora, responde ao chamado para o encontro, edifica a si e o mundo à sua volta na comunidade da qual faz parte.

Por fim, Buber desvela o perigo da alienação e da auto-alienação. Neste caso, a pessoa substitui o seu ser por uma missão a ser executada, torna-se uma espécie de instrumento que cumpre uma função, sem refletir no seu próprio ser, e, nesse processo pode objetivar ou mesmo instrumentalizar os outros existentes.

Se o ser humano é ser de relações e se estas só são vivenciadas no mundo do Tu, faz-se necessário evocá-lo constantemente. Quando for preciso adentrar o mundo do Isso, não pode esquecer o caminho da saída, de voltar a evocar a palavra-princípio Eu-Tu.

Na **terceira parte** (p. 101–130), Buber nos brinda com uma intrigante e complexa reflexão, apresentando uma nova categoria: o Tu eterno. Nesse aspecto, é

evidente a influência do Hassidismo no pensamento buberiano. No Hassidismo não existe distinção entre a relação direta com Deus e a relação com os demais seres humanos, conforme atesta Von Zuben (p. 27). Este princípio é contemplado por Buber, de modo especial quanto alega que “as linhas de todas as relações, se prolongadas, entrecruzam-se no Tu eterno” (p.101). E ainda, “Através de cada Tu individualizado a palavra-princípio invoca o Tu eterno” (p. 101). Ora, o Tu eterno se encontra em cada Tu em particular, o que confirma o princípio do Hassidismo, segundo o qual Deus está presente em todas as coisas.

Deus, na perspectiva de Buber, não pode ser objetivado, convertido em Isso, pois Ele é sempre presente, mesmo que não seja reconhecido ou acolhido. Ele é amor, é força criadora, que não pode ser experienciado, aprisionado em conceitos. Pode ser encontrado, na relação direta quando o existente reconhece e acolhe a presença do Tu eterno. Assim, quem deseja encontrar Deus, precisa aprender a encontrar os seus semelhantes, pois “A relação com o ser humano é a verdadeira imagem da relação com Deus, na qual a verdadeira invocação participa da verdadeira resposta.” (p. 120).

O **Post-Scriptum**, originalmente publicado em 1957, em Jerusalém, revela a preocupação de Buber em esclarecer os conceitos dos quais faz uso. Ele demonstra tanta atenção para com seus semelhantes que responde as questões que lhe são apresentadas em encontros, palestras e conferências carinhosa e respeitosa. Ele acredita que a dúvida exibida por uma pessoa, pode ser verificada também em outras pessoas, o que o leva a explicitar o seu pensamento registrado na obra *Eu e Tu* em outros textos.

Em **Notas do tradutor** Von Zuben apresenta diversos verbetes que são de grande importância para a compreensão do texto de Martin Buber, constituindo, junto com o **Glossário**, uma ótima ferramenta complementar.

Embora publicado pela primeira vez há quase um século (1923), a obra **Eu e Tu**, de Buber, objeto dessa resenha, é de extrema atualidade. Em nossos dias, infelizmente contemplamos algumas características bem conhecidas, como, por exemplo, o individualismo, o consumismo e a despersonalização, que podem ser notadas, de modo geral, nas narrativas políticas de tendências radicais, da direita e da esquerda. Ora, as reflexões registradas por Buber reforça a importância do diálogo, das relações, das relações dialogais, das relações humanizadas e humanizantes, o que pode contribuir no combate à discriminação, ao preconceito e outras formas de aviltamento.

Em um cenário contemporâneo marcado pela indiferença e pela dificuldade de ações éticas, é imperativo incentivar a vivência do encontro, cientes de que para efetivá-la não basta estar na presença, é preciso estar presente e ter a presença confirmada.

Por fim, é importante salientar que a reflexão de Buber a respeito do Tu eterno, pode favorecer o encontro entre as pessoas de diferentes credos. Na perspectiva buberiana o Tu eterno é sempre presente e, ainda, ponto de intercessão para todos que vivenciam o encontro verdadeiro. As distintas instituições religiosas possuem díspares percepções a respeito de Deus, o invocam utilizando diferentes nomes, mas se assumirem os princípios propostos por Buber poderão desenvolver ambientes favoráveis à aceitação, à acolhida e, conseqüentemente, auxiliar no combate ao preconceito e à discriminação.

Se adotarmos a mística do diálogo e do encontro descrita por Buber, se vivenciarmos a mútua aceitação, a mutualidade do respeito, a recíproca valorização, poderemos contribuir para a edificação de um mundo melhor para os humanos e todos os seres vivos.

Manoel Messias de Oliveira

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

Professor da Universidade Federal de Catalão, GO.

Endereço para correspondência:

Rua Clarimundo Marques Pires 1441(antiga rua 52)

Bairro Santa Mônica, Uberlândia MG. CEP: 38408-314

E-mail: messiasfilo@yahoo.com.br

(Recebido em junho de 2022; aceito em julho de 2022)